

LCU 562
ENS Paris Saclay (langue anglaise)
ENS de Lyon
ENS (Paris)

SESSION 2025

BANQUE D'ÉPREUVES LITTÉRAIRES

**COMMENTAIRE D'UN TEXTE EN LANGUE VIVANTE ÉTRANGÈRE
ET TRADUCTION D'UNE PARTIE OU DE LA TOTALITÉ DE CE TEXTE**

IMPORTANT

Le commentaire doit être rédigé dans la langue choisie lors de l'inscription.

Durée : 6 heures

L'usage de la calculatrice est interdit

L'usage d'un dictionnaire unilingue est autorisé.

Langue allemande	page 2
Langue anglaise	page 4
Langue arabe	page 6
Langue chinoise	page 8
Langue espagnole	page 10
Langue italienne	page 12
Langue japonaise.....	page 14
Langue polonaise.....	page 16
Langue portugaise	page 18
Langue russe	page 20

Tournez la page S.V.P.

Commenter en portugais le texte suivant et le traduire de [l. 7] « Fecharam os telhais... » jusqu'à [l. 23] « ... cantavam, ansiosos de melhor vida. ».

*Para os filhos dos homens que nunca foram meninos,
escrevi este livro*

Esteiros, minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo. Dedos das mãos avaras dos telhais que roubam nateiro às águas e vigores à malta. Mãos de lama que só o rio afaga.

5 Outono

I

Fecharam os telhais. Com os prenúncios de outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodaçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arrepio de águas e de corpos. Também sobre os fornos e engenhos perpassou lufada desoladora, que não deixava o fumo erguer-se para o
10 alto. Que indústria como aquela queria vento, é certo; mas sol também. Vento para enxugar e sol para calcinar – sentenciavam os mestres. Mas o sol andava baixo: não calcinava o tijolo, nem as carnes juvenis da malta.

Menos por isso que pela fraqueza das vendas, os patrões não quiseram arriscar mais dinheiro nas fornadas. – Ano mau... Todos os anos se dizia o mesmo. Desde que apareceu a telha francesa, e o bloco de cimento
15 levou tudo de mal a pior.

– Indústria pobre, Sr. Castro – chorava-se Zé Vicente ao pagar a renda do terreno. – Indústria pobre... – E era, desde os garotos maltrapilhos aos valadores que vinham de muito longe – sete horas de comboio, a sonhar jornas impossíveis. Por isso, agora, o dia 7 de setembro passava despercebido, sem festa. Dantes, era sagrado. Recebia-se a fêria, pagavam-se os fiados de três meses e festejava-se a despedida. Os moços
20 queimavam o resto das energias na ornamentação do telhal; arranjavam instrumental de latas e cegarregas; desfilavam em cortejo. E, enquanto o caniço verde dos esteiros ondulava no alto dos fornos, as canas secas dos foguetes subiam ao céu. Patrões e mestres sorriam, seguros da conciliação; moços e valadores cantavam, ansiosos de melhor vida.

Bons tempos, aqueles! Os mestres ainda berravam, como dantes: – Eh, gente! Vamos ligeiro, que esta
25 fornada é o resto. – Mas a cadência dos passos não se alterava, porque o pessoal já sabia que ia pagar o descanso com sete meses de privações.

Assim ficaram as eiras desertas. Apenas no Telhal Grande havia ainda algumas dezenas de tijolos que o mestre mandara pôr em fio, por causa do tempo ruim. E, mesmo esses, depressa iriam engrossar as arrumas, bem cobertas de telha, e mais volumosas que quaisquer das moradias da malta dos telhais.

30 Ali se guardava o suor de um verão de fadigas. Vento e sol: fadigas e suor – era o que os telhais queriam.

*

No último sábado, os moços do Telhal Grande receberam a fêria com gritos de contentamento. As moedas não tapavam o fundo das algibeiras, mas os projetos transbordavam dos cérebros infantis. No dia seguinte abria a Feira; ia haver esperas de toiros e toiradas, circos e cavalinho.

35 Por isso, a alegria dos rapazes punha em apuros o mestre à hora do pagamento.

– Se não se calam, racho um! – vociferou ele, avançando para a porta da barraca.

Fez-se silêncio. Os que estavam mais próximo recuaram, temerosos. Mas logo Gineto gritou de longe: – O melhor é matar-nos!

– Para quê, pá? Só levava ossos... – comentou Sagui, indicando o corpo enfezado.

40 – Ou calam-se, ou paro com isto!

Calaram-se. Ficar sem fêria seria perder a Feira. E a Feira era a verdadeira festa de despedida dos moços dos telhais. Cinco dias de pândega, entre um verão de canseiras que findava e um inverno de miséria que surgia.

O pagamento prosseguia.

– Malesso!

45 – Pronto. – E, agitando na mão o dinheiro recebido, exclamou: – Este é prò fato novo...

– Novo de há dois anos, aldrabão – casquinou Gineto.

– Amanhã é que se vê.

– Sagui! – chamou o mestre.

- Cá estou.
- 50 Detrás, um companheiro perguntou:
 – Vais comer todos os bolos da Feira co'isso?
 – Se cá couberem...
 Bateu na barriga, e a malta riu. Sagui era pequeno, mas tinha fama de comilão. Só fama...
 O mestre continuou: – Guedelhas!
- 55 – Pronto.
 O moço saiu cabisbaixo, a contar a fêria que os irmãos e o pai, desempregado há dois meses, esperavam. Os companheiros sabiam disso, e não gracejaram.
 – Gineto!
 Sem responder, o moço adiantou-se, devagar.
- 60 – Tiveste sorte, hem! – disse o mestre com ironia. – Desta vez deitaste fora a temporada.
 – Foi por gostar muito de você.
 Frente a frente, olharam-se com raiva.
 – Malandro... – rugiu o mestre.
 – Cão! – ripostou Gineto. E saiu lépido, empurrando os companheiros.
- 65 Um destes gargalhou: – Foge, Gineto.
 – Foge o quê, pá? – Estacou ameaçador. – Se ele me comer, tem de me largar pelo rabo. Que julgas?
 O outro calou-se, amedrontado, e Gineto seguiu caminho, maldizendo o mestre e o telhal.
 Quantas vezes, em horas de revolta surda, pensara pagar com juros todas as injúrias do capataz e abandonar depois o trabalho. Já assim fizera em todos os telhais. Com 7 anos, ia o pai levá-lo pelas orelhas até à eira.
- 70 – Mestre: tome-me conta deste fidalgo.
 Mas, antes de o pai chegar ao portão, atravessava ele o caniço dos esteiros e, mesmo vestido, atirava-se ao rio. A corrente era forte, mas na outra margem havia pássaros, toiros bravos a pastar e valados desconhecidos. À noite, esperava-o a tarefa do costume, em vez de ceia, e na manhã seguinte regressava ao telhal pelas orelhas.
- 75 Morava no fim da vila, à beira dos esteiros. Da casa que o pai fizera, toda madeira e lata, viam-se os toiros pastar na outra margem e as rotas dos barcos. Havia tufos de junco nos esteiros e lixo abandonado. Mas Gineto sonhava conquistar todas as ruas. Quando pequeno, ainda convertera os esteiros em florestas e rebuscara no lixo brinquedos preciosos. Cedo, porém, se aborreceu daquele recanto monótono, só água e planície. A floresta dava-lhe pela cinta – era junco – e o lixo era lixo, apenas. Começaram então as fugas
- 80 para a rua. A mãe bem lhe dizia ao fechar a porta: – Toma-me conta do pequeno! – Mas ele deixava o irmão a gatinhar na lama, e ia alvoroçar os garotos seus iguais. Ainda não era o Gineto ladrão. O nome veio-lhe depois com os assaltos aos pomares, florestas mais belas do que os esteiros. Mas já era mau e temido. Amigos tinha-os às vezes nos companheiros que precisavam da sua mão certa para matar galinhas à solta ou colher frutos em pomares recatados. Fora disso, era mesmo um gineto escuraçado.
- 85 Desta vez, porém, foi dominado pela Feira. Queria desferrar-se nos cinco dias festivos, sem os berros do mestre e as pancadas do pai. Iria ver os acrobatas do circo; daria tiros ao canhão e passeios nos cavalinhos. E até havia de estancar o ardor do sangue, dentro das barracas de reposteiros vistosos, onde mulheres pintadas vendiam refrescos e beijos. Seria senhor da Feira e do seu destino, livre, como um homem.
- 90 Mas era preciso dinheiro, e então ficara no telhal. E, como um homem, vendeu os braços para que o dinheiro tilintasse agora no bolso das calças. Gineto sentia-se tão feliz que não se lembrou das lágrimas que a mãe havia de chorar por ele e pela fêria da semana. Subiu o beco do Mirante a assobiar. As quintas estavam ali em frente a retalhar os vales e a seduzir olhares. O Sol, ainda alto, tornava mais branco o branco dos muros e revivescia com reflexos doirados as folhas estioladas das videiras. Mas Gineto não receava a luz da tarde. Tinha a certeza de que os caseiros não estariam de atalaia, entre os pomares, porque a melhor fruta já fora
- 95 apanhada. O moço do telhal sabia de colheitas.
 Todavia, chegado à estrada, hesitou. Pela primeira vez as suas quintas – suas, como ele dizia – não o atraíram. A Feira afagava-lhe o pensamento; o dinheiro tilintava no bolso.... Era livre, sem a perseguição dos caseiros e cães de guarda... Não iria às uvas.
- 100 E seguiu estrada fora, antegozando a Feira. Festeiro de pés sem botas e calças com fundilhos, porque não tinha, como o Malesso e outros, um fato de feira para estrear.

Sociro PEREIRA GOMES (1909-1949), *Esteiros*, 1941.